

Desafios e perspectivas dos Direitos Humanos na atual conjuntura brasileira (2018)

Depois da II Conferência Mundial de Viena de 1993 sobre DH, o Brasil tomou algumas atitudes positivas, a partir do governo FHC em 1995.

1. O Brasil foi um dos poucos países que criou um PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, PNDH1 em 1996, com objetivos, metas, propostas que foram reavaliados no PNDH2 em 2002 ...
2. o Governo criou a Primeira Secretaria Nacional de DH, que foi confiada à pessoas de todo respeito, como José Gregory e Paulo Sérgio Pinheiro (que é hoje o Alto Comissário das Nações Unidas para a Síria);
3. O ministério das Relações exteriores, na pessoa de Celso Lafer, incentivou o Congresso a aprovar e ratificar vários tratados internacionais de DH,
4. foram criadas a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos e a Comissão de Anistia, anda que tardiamente...
5. Foram introduzidas medidas de promoção e proteção dos direitos humanos, em várias áreas, como por exemplo a obrigatoriedade da disciplina de DH nos centros de ensino da polícia militar e nas acadêmicas de polícia civil...

Com o governo Lula e Dilma, essas políticas tiveram uma continuidade e um fortalecimento muito expressivos:

1. A Secretaria assumiu o status de Ministério, e foi assumida por pessoa de grande prestígio como Nilmário Miranda e Paulo Vannuchi (presos políticos durante a ditadura militar) e Maria do Rosário,
2. Foi criada a SECADI no Ministério da Educação, Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão ...
3. foi criado o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos que elaborou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humano (2003?), que promoveu entre outras coisas, a EDH como tema transversal e obrigatório em todos os níveis de ensino desde o ensino fundamental ao superior, medidas que foram sancionadas pelo Conselho Nacional de Educação, em 2012...
4. Foi fortalecida a Comissão de Anistia vinculada ao Ministério da Justiça que realizou um magnífico trabalho,
5. Foram realizadas inúmeras conferências municipais, estaduais, e nacionais para elaborar as políticas públicas em todas as áreas;
6. Foram fortalecidos os Conselhos de Direitos Humanos em vários níveis e áreas
7. Foram implementados programas sociais como o Bolsa família, para a população mais pobre...
8. E o Brasil se situou internacionalmente em total apoio à ONU e aos organismos internacionais numa visão claramente multipolar e de respeito e promoção dos direitos humanos

E poderia continuar elencando mais iniciativas de promoção e defesa dos DH, por exemplo nas universidades onde a partir dos anos 90, os direitos humanos entraram a fazer parte do ensino, da pesquisa e da extensão nos cursos de graduação e pós-graduação

em todo o Brasil, e hoje há uma rede de educação em dh espalhada por todos o país, na qual a UFPB tem um papel de destaque...

Com isso, se tinha a sensação de que, apesar das graves e gravíssimas violações aos direitos humanos continuarem e ter em grande parte o Estado como violador (pensamos somente a situação calamitosa da segurança pública), a política dos direitos humanos tivesse se tornado uma política de Estado e não mais somente de governo.

Esta ilusão caiu por terra, com a derrubada da presidenta Dilma através de um golpe parlamentar que está sempre mais claro, em que um grupo de deputados, a maioria dos quais envolvidos em corrupção, retiraram uma presidenta honesta do cargo, sem crime de responsabilidade, violando assim a Constituição na total indiferença e cumplicidade do STF.

A hipocrisia chegou ao máximo quando, a presidente foi impedida de governar, mas não foram cassados os seus direitos políticos, como para comprovar a sua inocência: a hipocrisia é a homenagem que o vício (e os viciosos) prestam à virtude, como dizia o filósofo francês Rochefoucauld no século 17!

Este episódio, cuja gestação pode ter começado com as manifestações de 2013 (que para mim são ainda uma esfinge a ser decifrada) tiveram um impacto direto sobre a democracia brasileira que estava se fortalecendo e consolidando nos últimos anos, e deram um sinal negativo para os direitos humanos. Usando uma expressão popular se abriu a porteira e saiu toda a boiada. O governo ilegítimo de Temer deu um sinal claro para a sociedade de que tudo era permitido: assim aumentaram os assassinatos e militantes dos dh (58 este ano!), e começaram as medidas de retrocesso dos direitos civis e políticos e econômicos e sociais.

Só para citar algo que conhecemos de perto, a Comissão de anistia foi totalmente redimensionada com a saída de 19 membro, a SECADI, a Secretaria dos DH assim como as outras secretarias, das mulheres, dos negros, do LGBT foram drasticamente redimensionadas ou extintas... A presença da professora Flávia Piovesan deu uma aparência de “normalidade! Pela trajetória da Flávia, mas como diziam as más línguas desde o começo, Flávia aceitou o de manchar a sua carreira e os eu currículo porque tinha um objetivo maior (para ela) que era de ser indicada para a Comissão interamericana da OEA em Washington, o que de fato aconteceu....

E a Operação Lava-Jato, conduzida com método inquisitoriais, como afirma o maior filósofo do direito italiano em um recente artigo Luigi Ferrajoli, em nome do combate à corrupção está utilizando de métodos espúrio de investigação e de condenação, de maneira arbitrária e seletiva, que provam um clima de antipolítica, de desconfianças geral não somente contra os políticos, mas contra a política como um todo, o que só pode criar, como criou na Itália, um vazio político que poderá ser preenchido por aventureiros e populistas de extrema direita etc...

Ao mesmo tempo esta política serviu para a tomada de medidas econômicas neoliberais, de venda das empresas públicas, de flexibilização das relações trabalhistas, de diminuição drástica da capacidade de o Estado regulamentar o mercado, todas medidas em exceções favoráveis ao grande capital nacional e, sobretudo internacional, e nenhuma em favor dos trabalhadores e dos mais pobres e marginalizados.

E assim poderia falar de muitas outras medidas tomadas neste governo que todas as semanas e os dias representa um claro retrocesso nas políticas de direitos humanos.

Mas gostaria de me concentrar num aspecto, o embate ideológico, que é o que nos diz respeito mais de perto como professor.

Está surgindo um clima cultural muito radicalizado e perigoso. Como escreve o jornal El País da Espanha, na sua edição brasileira, estão circulando inúmera fake news totalmente absurdas, como por exemplo

Artistas e feministas fomentam a pedofilia. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o bilionário norte-americano George Soros patrocinam o comunismo. As escolas públicas, a universidade e a maioria dos meios de comunicação está dominada por uma “patrulha ideológica” de inspiração bolivariana. Até o nazismo foi invenção da esquerda. Bem-vindos ao Brasil, segunda década do século XXI, um país onde um candidato a presidente que faz com que Donald Trump até pareça moderado tem mais de 20% das intenções de voto.

São as fake-news espalhadas nas redes sociais, o incitamento ao ódio, é “a escola sem partido” que quer colocar uma mordida na livre expressão do pensamento e do exercício da cátedra, são as palavras e as ações de intolerância contra as religiões afro-brasileira, contra os intelectuais, os museus, as expressões artísticas; é um fascismo, não como sistema de governo, mas como ideologia que estava escondido e que agora aparece em público abertamente confrontando os direitos humanos, apelando para a volta dos militares, glorificando a ditadura, censurando a liberdade de expressão, ameaçando e pressionando os militantes dos direitos humanos, ...

A isso se soma uma ditadura do judiciário que pode fiscalizar os outros poderes, mas não admite ser fiscalizado... Os episódios do suicídio do Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina e a intimação coercitiva do Reitor de Minas Gerais são preocupantes...

O que mais preocupa é que este discurso está se espalhando na sociedade e sobretudo entre os jovens. Me preocupa porque aqui não se trata de ser de esquerda ou direita, de protestantes ou católicos, de hebreus ou muçulmanos, de pobres ou ricos, de brancos ou negros, de homossexuais ou heterossexuais, de torcedores do Corinthians ou do Palmeiras... aqui se trata de algo que transcende estas categorias e que está no fundamento do nosso pacto social que deu origem à constituinte e à Constituição.

Se trata de padrões mínimos de civilização que nos permitem não cair na barbárie. Os DH não são direitos de bandidos, mas são o maior legado que as gerações passadas deixaram para as futuras após os horrores das duas guerras, dos totalitarismos do holocausto e da bomba atômica....

Diante de tudo isso a humanidade, através de alguns líderes políticos, religiosos, intelectuais, sentiram a necessidade de voltar aos princípios da revolução francesa, da liberdade, da igualdade e da fraternidade, para construir um futuro que não repetisse os trágicos erros cometidos...

Me parece algo tão claro e evidente, uma lição da história, mas que não é mais entendida pela sociedade, pela juventude, pela mídia.... etc.

Lembrando um autor conservador como Thomas Hobbes, o estado de natureza, ou seja, o estado em que prevalece a guerra de todos contra todos ou a lei da selva que é a lei do mais forte, não é um estado imaginário ou que aconteceu num período remoto da humanidade, mas é um estado permanente que está sempre na espreita e que pode voltar a acontecer quando o Estado não garante a ordem, a paz, a convivência social os direitos

fundamentai, ele aflora e no Brasil temos vários exemplos de estado de natureza quando o Estado está ausente e a população é submetida à violência do mais forte .

O que está se discutindo agora é se diante deste quadro, vivemos ainda num Estado democrático de Direito ou numa Estado de exceção permanente...

O que está em jogo, são padrões mínimos de civilização que todos os brasileiros deveriam prezar, estimar e respeitar a partir dos quais se pode falar de esquerda ou direita. Mas quem defende o racismo, a intolerância, a discriminação, as desigualdades sociais, a violência contra as mulheres, os negros, a população LGBTs, o ódio contra outras religiões, estas pessoas estão se colocando fora do Estado de direito, fora do pacto social.

Porque os DHs não são algo facultativo que eu posso ou não respeitar, são os alicerces do pacto social que sustenta o nosso Estado de direito. Por isso, não entendi a sentença da Juíza Carmen Lúcia sobre o ENEM, que, na primeira parte do seu pronunciamento afirmou que os dh se “impõem” literalmente como alicerces da nossa constituição e na segunda parte retirou (contraditoriamente) a conclusão de que se podem permitir a manifestação de afirmações contrárias que ridicularizam ou ofendem os direitos humanos num espaço públicos como o ENEM. Ela ou é muito ingênua, ou não está vivendo no Brasil: porque é claro que esta postura só vai fortalecer os que desprezam os direitos humanos, e os consideram “esterco dos vagabundos”....

E esta maré de ódio e de intolerância que preocupam e o medo de que nós, os defensores dos DHs estamos perdendo a batalha ideológica que está sendo ocupada pelos intolerantes. Esta é o calcanhar de Aquiles da democracia: ela não tem anticorpos para se defender dos intolerantes, que podem tomar o poder por via democrática como acontece com Mussolini e Hitler, uma vez que, apoiados pela mídia, estão conseguindo um amplo consenso popular...

Teria muito mais a dizer, e muito já foi dito pelos meus colegas durante este curso, mas queria concluir com uma questão que me preocupa, ou seja, as religiões e o fundamentalismo religioso diante dos DHs.

Quando cheguei ao Brasil em 1981 o país era na sua grande maioria católico e tolerante, havia uma convivência pacífica com várias religiões e o Brasil ra (e espero continue a ser) um exemplo de tolerância religiosa. Além disso, as Igrejas, sobretudo a católica e as protestantes tradicionais, pregavam e praticavam um cristianismo engajados com os problemas sociais, que teve um papel fundamental na transição da ditadura pra a democracia: aqui em João Pessoa foi criado o Primeiro Centro de Defesa dos DH do Brasil e tv da América Latina, em 1975 por Dom José Maria Pires, tendo o advogado Wanderley Caixe como seu primeiro coordenador

Mas hoje as coisas estão mudando rapidamente. Me refiro sobretudo aos grupos evangélicos neopentecostais de inspiração norte-americana, embora haja setores da igreja católica e de Igreja protestantes tradicionais, que entram nesta lógica. São grupos religiosos, que não tem escrúpulos em pregar um evangelho de resultado, muito centrado no sucesso econômico, que não tem escrúpulos de prometer vantagens e milagres em troca de dinheiro, que prometem “comprar a vida eterna”, que não tem escrúpulos em utilizar o púlpito como palanque político partidário, que estão se organizando e aliando com grupos econômico-políticos para impor suas ideias no espaço público, que não tem escrúpulos em combater com palavras e ações outras igrejas, sobretudo as afro-brasileira, que não tem escrúpulos em se aliar com a bancada da bala, que prega a violência e o armamento da população, etc...

Este movimento que está crescendo assusta e preocupa: é uma onda de fanatismo religioso que não promete nada de bom, e que promove um obscurantismo intolerante e

regressivo contra a ciência, contra a filosofia, contra as liberdades de pensamento, a pluralidade ideológica etc.

Se trata de uma resposta radical e desesperada à secularização, a perda progressiva da importância da religião no mundo contemporâneo: é o fundamentalismo, presente na grande maioria das religiões (talvez com exceção do budismo) e sobretudo nas religiões monoteístas: há fundamentalismos católico, protestante, judeu e islâmico. É um fenômeno relativamente novo, que precisa ser estudado, e que lança um desafio à filosofia como disciplina autônoma, pregando uma volta da sua subordinação à religião, como acontecia na Idade Média.

Fundamentalismo significa que a religião basta por si só a resolver todas as questões humanas: a fé fornece todas as respostas do qual o ser humano precisa, sem necessidade de recorrer à razão; aliás, a racionalidade é vista como um perigo e uma ameaça para fé que deve ser combatida.

Vamos tomar como exemplo a Bíblia: nela podemos encontrar ensinamentos religiosos, documentos históricos, relatos míticos, textos literários e poéticos, documentos jurídicos e políticos, grandes ensinamentos éticos e morais, e muito mais. Mas todos esses gêneros literários estão subordinados a um único propósito: transmitir uma mensagem religiosa. E isto vale tanto para os crentes como para os céticos: a Bíblia é um dos grandes livros da história da humanidade que criou os alicerces da cultura dos povos ocidentais que continuam até hoje, apesar da secularização.

A única coisa que não encontramos nela é a ciência: não podemos exigir da Bíblia argumentos científicos. Este foi o erro da Igreja Católica com relação a Galileu, o qual, como bom católico, já alertava a Igreja sobre esta leitura equivocada da Bíblia. Tratar a Bíblia como um texto científico é prestar um péssimo serviço a ela. A Bíblia utiliza a ciência disponível à época para transmitir sua mensagem religiosa, mas esta ciência foi superada definitivamente pela ciência moderna e contemporânea. Por isso, não faz sentido procurar, como fazem os fundamentalistas, explicações científicas na Bíblia sobre a evolução humanas, porque antes de Darwin não se conhecia o conceito de evolução, sobre a criação do mundo, sobre a evolução do universo, etc.

Mas os fundamentalistas não se limitam a criticar a filosofia e a ciência, eles estão atuando na prática para intimidar e ameaçar os que não aceitam suas ideias. Desde a violência armada do fundamentalismo islâmico, até as ameaças do fundamentalismo protestante norte-americano (que está chegando também no Brasil) contra os professores de filosofia, contra o ensinamento do darwinismo, contra os professores que se declaram ateus ou agnósticos, etc.

Apesar da secularização, há um espaço na contemporaneidade para a religião, como prática e como reflexão sobre o mundo e a vida, mas sem perder o diálogo com a razão. O perigo do fundamentalismo é justamente o fechamento num discurso autorreferencial e autossuficiente, que torna a religião uma seita, uma expressão de fanatismo e de intolerância que gera violência simbólica e física: as palavras são também armas muito perigosas!

Queria concluir com um exemplo retirado da Bíblia

Moises desce do Sinai com as duas tábuas dos 10 mandamentos; entre eles há dois que queria analisar: não mataras e não nomear o nome de Deus em vão.

Êxodo 32: Apesar do mandamento de não matar, Moises quando desce do Sinai pela primeira vez e encontra os israelitas adorando o bezerro de Ouro, ordena uma matança de 3.000 ou 23.000 homens, segundo a Bíblia de Jerusalém...

O outro mandamento está em Êxodo 20: Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão.”

Embora Deus, em Êxodo, 3, 13 15 diga o seu nome: “Iahweh, o Deus dos vossos pais, O Deus de Abraão, O Deus de Isaac, o Deus de Jacó...” quando Moises encontra Deus na sarça ardente e pede o seu nome ele responde “Eu sou aquele que sou”. Este termo foi interpretado pelos teólogos medievais ontologicamente, só Deus é absolutamente, ou seja, a existência faz parte da sua essência, enquanto que as criaturas são no sentido contingente, que podem ser ou não ser...

Mas há outra leitura: Deus não quis dar o seu nome a Moises porque dar o nome significa tomar conta dominar alguém como fez Adão ao nomear os animais, que tomou posse deles.

Assim acontece que o mandamento pode ser lido em maneira mais restrita: não se trata de não nomear o nome de deus em vão, mas de não nomear o nome de Deus em nenhuma circunstância mandamento que se junta com a proibição de fazer imagens de Deus.

Onde queremos chegar? Ao nomear Deus ele se torna um objeto em nossas mãos, que pode ser manipulado, e é o que faz a maioria das religiões: o que há de mais poderosos de que falar em nome de Deus?

E foi o nome de Deus que Moises ordenou aos levitas a matanças dos seus irmãos, parentes etc...” Êxodo 32, 25: Assim fala Iahweh, o Deus de Israel: cinja, cada um de vós a pesada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e tem, cada qual, a sue irmão, a seu amigo, ao seu parente”.

É em nome de Deus que se fazem guerras: *Got mit uns* (Deus está conosco), era o lema das milícias nazistas; *In God we trust*, está escrito no dólar americano; *Sanctus, sanctus, sanctus*, *Dominus Deus Sabaoth*, que significa Santo é o senhor dos exércitos se reza ainda hoje na missa!.

Como escreve um editorialista de *El Pais*, Juan Arias:

Entre os dez mandamentos das tábuas da Lei, que Deus entregou a Moisés, o terceiro diz: “Não invocarás o nome de Deus em vão”. E é invocado em vão quando fazemos dele um instrumento de cálculos políticos empobrecendo-o e transformando-o no curinga de um baralho. A História está cheia de páginas sangrentas e de injustiças perpetradas em nome de Deus. Não é ele, entretanto, que cria a dor do mundo, e não é o senhor absoluto de nossas vidas. Ele não desvia as facas e as balas dos autores de atentados porque respeita nossa liberdade. Somos nós os únicos responsáveis por nossos atos, não Deus.

Esta é a verdadeira blasfêmia, usar o nome de Deus para os nossos fins e para pregar a violência, o ódio, a discriminação, a intolerância para com o outro. E este é o fundamentalismo que utiliza o nome de Deus para os seus fins muito terrenos de dominação política e de ganho econômico de prestígio social. Precisamos combater esta mentalidade e esta ideologia que só vai criar e já está criando uma guerra de religião que o Brasil não viveu historicamente.

Como disse o grande teólogo ecumênico suíço Hans Kung, ao propor uma Declaração das Religiões Mundiais como contraponto à Declaração dos Direitos Humanos da ONU: “Não haverá paz no mundo, se não houver paz entre as religiões!”. E o cristianismo é por essência uma religião do amor e da paz, o Deus do Novo testamento é o Deus da Paz.

Precisamos todos nós nos desarmar e trabalhar para acalmar este clima de ódio e de intolerância que está tomando conta do nosso país e defender o grande patrimônio histórico e de civilização que são os direitos humanos.